



Do afloramento da palavra homoerótica na poesia moderna: Portugal, México, Brasil (correspondência Manuel Bandeira/Mário de Andrade em foco)

Horácio Costa
Universidade de São Paulo

PALAVRAS-CHAVE: HOMOEROTISMO, POESIA MODERNA, MANUEL BANDEIRA, MÁRIO DE ANDRADE.
KEYWORDS: HOMOEROTICISM, MODERN POETRY, MANUEL BANDEIRA, MÁRIO DE ANDRADE.

A temática homoerótica é uma das vertentes distintivas da poética da modernidade. O tema de caráter homoerótico, como é sabido, perpassa algo da lírica clássica e encontra seu lugar mesmo na sobriedade do Velho Testamento; insemina, na Idade Média, alguns dos mais espicaçantes momentos da produção dita «escarninha», e encontra alguns cultores no Renascimento e no Barroco; tal caminho tem sido recuperado com notável pertinácia pela crítica. Entretanto, é argüível dizer-se que, no Ocidente, a partir do século XIX, e com a invenção do «sujeito» moderno –do cidadão liberto de sanções religiosas e partícipe de sistemas mais ou menos democráticos e representativos- a afirmação desta vertente temática confunde-se com a liberdade de expressão e de opinião, no processo de valorização da publicização dos registros da intimidade individual que acompanha a implantação de sistemas crescentemente igualitários de convivência social e política.

Neste sentido e não surpreendentemente, será um poeta da jovem democracia norte-americana, Walt Whitman, quem, em seu torrencial *Leaves of Grass* –justamente, no «Song

of Myself» –, primeiro situa o amor pelo mesmo sexo na linha fronteira da poesia moderna. Como tive a oportunidade de estudar em outro ensaio (cf. Costa, 2004: 254-260)¹, em que pese o fato de que Whitman não reconheça nenhum caráter de homossexualidade, e menos ainda de genitalidade na experiência amorosa entre companheiros («comrades») do mesmo sexo – como ressalta de sua resposta indignada ao questionário que lhe é enviado por J.A. Symonds, chefe do grupo dos «poetas uranianos» ingleses (os quais, como agrupação, foram os primeiros em assumir publicamente sua identidade homossexual no Ocidente), quem lhe sugerira que corroborasse uma sua leitura homossexual de *Calamus* –, é justamente com a força da voz whitmaniana que a temática homoerótica adquire status de cidadania literária na «alta poesia» da modernidade.

Tal estimativa não deve ter deixado de acompanhar a escolha de Fernando Pessoa/Álvaro de Campos quem, em «Ode Marítima» e em «Saudação a Walt Whitman», deixa claro o seu débito não apenas lingüístico, isto é, no sentido de modelo escritural, mas também temático (ainda que pelo viés da paródia, no caso de «Ode Marítima») para com o nova-iorquino, como torna-se claro neste último poema-homenagem, quando o trata de «Grande pederasta roçando-te contra a diversidade das coisas», entre outros epítetos, depois de dizer-lhe que ele próprio é «dos teus, bem o sabes, e compreendo-te e amo-te (...)/ E conforme tu sentiste tudo, sinto tudo, e cá estamos de mãos dadas,/ De mãos dadas, Walt, de mãos dadas, dançando o universo na alma» (Pessoa/Campos, 1993: 224).

Por essa aproximação literária, melhor dito: este *homoerotismo intertextual*, como o caracterizei, entre outros aspectos, esteve Pessoa bem preparado para responder, como Álvaro de Campos, aos ataques que à publicação das *Canções*, de António Botto, tinham sido feitos pelo líder da protofascista «Liga de Acção dos Estudantes de Lisboa», Álvaro Maia, sob forma de um manifesto, «Literatura de Sodoma» (1922), cujo episódio completo caracteriza a entrada por assim dizer «oficial» da vertente homoerótica, assumida como tal, isto é, como uma deriva da dicção moderna, na poesia em língua portuguesa. O «Aviso Por Causa da Moral», que responde ao referido manifesto, assinado por Campos e ironicamente datado de «Europa, 1923», seguiu à publicação, assinada pelo Pessoa ortônimo, de «António Botto e o ideal estético em Portugal» (1922), artigo que não defende a temática homoerótica diretamente, mas trata o tema como um efeito da liberdade de esteta que caberia

¹ Este texto foi anteriormente publicado, em versão mais compacta, como «La tradición olvidada: la poesía homoerótica en Whitman y Pessoa» em *La Gaceta del Fondo de Cultura Económica* (1996), 302, 12-17 e em *Voz Lusíada* (2004). São Paulo: Editora São Paulo, 48-60.

a Botto («o único português, dos que conhecidamente escrevem, a quem a designação de esteta se pode aplicar sem dissonância») (Cf. 1989: 37). Nesse artigo, Pessoa fala em tom magistral do tema homoerótico, e as autoridades que cita são estetas do século anterior, Winckelmann e Pater à frente, cujos conceitos sobre o «amor grego» foram fundamentais para o estabelecimento da moderna consciência homo-dirigida no período tardo-vitoriano. De forma conexa, Pessoa também defende a liberdade de expressão na questão da publicação de *Sodoma Divinizada*, opúsculo com o qual o «Profeta Henocho», i.e., o escritor Raul Leal, tinha por sua vez defendido as mesmas *Canções* de Botto e o mencionado artigo de Pessoa sobre elas, atacando o dito manifesto de Álvaro Maia; vale dizer, aqui, que Pessoa age com a autoridade que sabe ter como o poeta de proa da vanguarda lusa.

Em poucas palavras, o duplo *affaire* das *Canções* de Botto e de *Sodoma Divinizada* nos permitem observar tanto a implantação da temática homoerótica na poesia escrita em português, mas também, devido ao peso de Pessoa, a sua «canonização» no âmbito da poesia portuguesa. Aqui, o poeta não acompanha a recusa de seu mentor Whitman frente aos poetas ingleses. Nos trinta e tantos anos entre as respostas de Whitman a Symonds e a defesa pública de Pessoa de Botto e Leal, observamos uma mudança de mentalidade: o tema, cuja expressão passa a ser defendida como um direito do poeta, passa a ter cabida no reino do propriamente literário e daí, no espaço social e político. Isso não quer dizer que qualquer dos envolvidos portugueses tivesse tido a sua vida facilitada por essa tomada de posição. Se a Pessoa cabe o papel mais confortável de canonizador que escolhe o viés que privilegia naquilo que canoniza – e daí prefere não tratar do tema enquanto transgressão das normas do decoro literário e sim como manifestação hodierna de uma constante estética –, Botto passaria por mil vezes, entre eles o seu exílio perfunctório no Brasil entre os anos 40 e 50 e sua morte por atropelamento em condição de miséria na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, ao passo que Raul Leal viveu andrajosamente toda a sua maturidade e velhice; mais importante do que isso, talvez, é importante frisar que ambos receberam pouca atenção literária, nem de público nem de crítica, em Portugal ou no Brasil, mesmo depois de terem sido defendidos por Pessoa, este sim objeto de enxurradas críticas em ambos lados do Atlântico, e pelo mundo afora. Apesar do intento de Pessoa, não se pode dizer com propriedade que Botto e Raul Leal façam parte do cânone da poesia moderna em Portugal.

Algo não fundamentalmente diverso, porém com resultado expressivamente diferente, acontece no México alguns anos depois. Por volta de 1928, assistimos à polêmica da «des-

virilização da poesia mexicana», que enfoquei em outro ensaio². Essa polêmica opôs os participantes de «Contemporâneos», grupo de poetas jovens que haviam participado na publicação de uma antologia da poesia mexicana moderna (organizada pelo poeta Jorge Cuesta), e que publicavam a revista homônima, a alguns membros do «Estridentismo», movimento da primeira vanguarda mexicana (1921).

O «grupo sem grupo», como a si próprios se referiam os membros de «Contemporâneos», ocupa um lugar excepcional entre as vanguardas latino-americanas: antes de qualquer definição estético-ideológica, sequer desejavam ser reconhecidos como «uma geração». Não desfraldavam posições comuns que estimavam devessem ser tomadas como bandeiras desse coletivo que relutava em assumir-se como tal, afora a defesa da liberdade de expressão individual e da abertura a informações culturais cosmopolitas, o que os expôs a todo tipo de patrulhamento ideológico. Um bom número de intelectuais mexicanos, entre eles os estridentistas, via nessas posturas desvios burgueses, no seio de um processo revolucionário que começara com a revolução mexicana de 1910, que buscava construir uma república de traços socialistas ao lado dos Estados Unidos da América.

Não era fácil, nesse contexto, tal defesa, e justamente é ela que singulariza, a meu ver, a intervenção de «Contemporâneos» na história cultural do período. Essa defesa dificilmente poderia esquivar o tema da sexualidade. Alguns participantes de «Contemporâneos» foram assumidamente homossexuais – Carlos Pellicer, Salvador Novo e Xavier Villaurrutia –, e têm como um de seus principais núcleos temáticos justamente a afirmação do homoerotismo. Embora o temperamento de cada um desses poetas fosse consideravelmente diferente, a experiência homossexual invade a sua poesia assim como a questão da sua sexualidade torna-se pública e é por eles publicamente defendida.

Tal defesa, tal assunção não se deram sem custos para os envolvidos. Por exemplo, Xavier Villaurrutia morreu aos 48, vivendo exilado de seu país como professor de literatura hispânica em uma universidade norte-americana. Por sua vez, a biografia de Salvador Novo é surpreendente: tornou-se, apesar de todos os augúrios contrários, numa espécie de «homossexual oficial» do partido político do poder, o PRI-Partido Revolucionário Institucional, nas décadas finais de sua vida; sua posição no contexto do poder mexicano é uma exceção, como menciona Carlos Monsiváis em seu estudo *Salvador Novo: lo marginal en el centro* (2000). Não houve, no contexto latino-americano, outro poeta homossexual que

² Ensaio sob a forma de comunicação intitulada «'Escritos llenos de molície': notas acerca da polêmica sobre a 'desvirilização' da poesia mexicana de 1928», apresentada no Encontro Regional da ABRALIC-Associação Brasileira de Literatura Comparada (Rio de Janeiro, 2005).

tenha conseguido arrebanhar tanto prestígio mundano – e dinheiro... – como Novo. Ainda, a sua autobiografia, na qual desce a detalhes sobre a vida homossexual no México revolucionário, *La estatua de sal*, conforma outra exceção. Entretanto, como era de esperar-se, a produção literária de Novo sofre com essa proximidade com os mundos da alta sociedade e da política: ao final de sua vida, nos anos 60, é visto como um hierarca pelos jovens, e tarda em que a crítica literária volte a ocupar-se dela; nesse sentido, a leitura recente de sua obra e de sua figura feita à luz dos estudos homossexuais vem resgatá-la em sua originalidade literária e sócio-política. Mas voltemos a nossa polêmica.

Aqueles que não agridem os membros homossexuais de «Contemporâneos», dentre os intelectuais, tornam-se suspeitos. Começa o que Carlos Monsiváis caracteriza como um «linchamento moral»: «Vilipendiarlos no sólo es proteger el patrimonio genital de la República; es también certificar la propia virilidad» (Monsiváis, 2000: 71). Conforme menciona Guillermo Sheridan em *Los contemporáneos ayer* (1985), tudo acontece em função de uma colocação acusatória contra elementos de «Contemporâneos» de produzir «uma literatura não-viril», feita por Manuel Maples Arce e Germán List Arzubide, poetas-próceres do Estridentismo, defensores expressos de uma belicosíssima forma de machismo cultural. Em 1934, seis anos depois da polêmica que focalizamos, o primeiro desses poetas irá pedir, como deputado, ao congresso nacional do México que se proceda a uma ação legal contra «la comedia de los maricones y el cinismo de los pederastas que se amparan bajo la naciente publicidad de Proust y Gide» (ibid.: 132), para que deixem de publicar obras que alega serem «danosas» à poesia mexicana. Felizmente, tal iniciativa não se concretizou; entretanto, a cisão entre estridentistas e «contemporâneos» devido a semelhantes ataques impediu o diálogo entre ambos grupos. Sem dúvida, é esta ausência o que responde pela pequena importância dada, hoje, no cânone literário mexicano, ao Estridentismo, fato que, uma vez mais, singulariza a literatura do México no contexto latino-americano e, particularmente, em seu confronto com a brasileira, todo ela estruturada pela capaz intervenção dos modernistas chamados «heróicos» na década de 1920.

Como sói acontecer, a palavra machista «pega». Em 1928, uma das várias revistas literárias de então, o jornalista Jorge Mañach acusa «Contemporâneos» de produzirem «escritos llenos de molície» – «escritos cheios de molícia», de onanismo (cf. ibid.: 243) –. De chofre, o debate estético sobre os caminhos da experimentação literária incluía golpes dados na arena da república das letras entre «machos» nacionalistas e «afeminados» cosmopolitas.

Evidentemente, os membros homossexuais de «Contemporâneos» apressaram em defender-se. Villaurrutia e Novo seguiram na frente, manejando em suas respostas principalmente critérios literários, o primeiro, e uma panóplia de sátiras e burlas de seus oposito-

res, o segundo. Por outro lado, José Gorostiza, o mais equilibrado do «grupo sem grupo», poeta cuja obra, com a de Villaurrutia, traduzi ao português³, quem não poupara simpatia a seus companheiros de geração desde o princípio dos ataques, consciente do que estes escondiam em termos de ordenamento estético-ideológico, e desde a segurança de sua indubitável heterossexualidade, assinala o caminho para balizar o antagonismo assinalado, ao dizer, em 1932, em sua resposta a uma pesquisa jornalística sobre a pergunta «Está em crise a literatura de vanguarda?», que «lo verdaderamente 'universal' es lo original, y lo original es lo que cada uno lleva en sí, en origen y capacidad creadora para expresar y sensible para recibir» (Gorostiza, 1996: 330). Em resumo, a «originalidade» de seus companheiros de geração passava por sua identidade sexual, que nunca foi objeto de derrisão por parte dos participantes heterossexuais do «grupo sem grupo».

Ao contrário de Portugal, que ignorou António Botto e Raul Leal até há pouco, no México as obras dos homossexuais Salvador Novo, Xavier Villaurrutia e Carlos Pellicer são parte fundamental do cânone da poesia moderna: objeto de culto nos dias que correm, entre outras razões pela defesa de sua opção sexual e da livre expressão, tiveram as suas obras completas editadas por editoras oficiais de prestígio, como a Fondo de Cultura Económica, e são incluídos nos currículos escolares. Como vemos, a permeabilização do cânone pode implicar uma série de medidas, entre elas as do reconhecimento oficial, para o que à intelectualidade, à academia, pode perfeitamente corresponder tarefas de reciclagem e dimensionamento do acervo poético jacente.

Seja como for, a existência de tais debates em Portugal e no México na década de 1920 podem e devem alertar-nos sobre a relativa defasagem da cultura, e particularmente do registro subjetivo que pode significar a palavra poética, em relação a temas de ampla ressonância como o da exploração da diversidade sexual, no contexto do Modernismo brasileiro. E podem e devem alertar-nos também para a necessidade de releitura do cânone em nosso âmbito doméstico, tratando na medida do possível de sua ampliação ou, em todo caso, de sua problematização crítica real: a nossos olhos atuais, o fato de que não tenha havido, até a obra de um Mário Faustino ou um Roberto Piva, já nos anos 50 e 60, respectivamente, um registro homoerótico nítido no reino da «alta» poesia brasileira, representa um problema de difícil porém imperativo deslinde, antes que uma simples constatação historiográfica.

³ Veja-se José Gorostiza (2003). *Morte sem fim e outros poemas*. São Paulo: EDUSP, e Xavier Villaurrutia (1994). *Nostalgia de la Muerte/Nostalgia da Morte*. Lisboa: Diário de Notícias (Programa Periolibros).

Neste sentido, vale comparar as atitudes de Fernando Pessoa na polêmica da «Sodoma divinizada» e de Gorostiza na da «desvirilização da poesia mexicana» com a de alguns poetas modernistas brasileiros frente à «ciliciante» (utilizo o termo de Haroldo de Campos para referir-se ao tópico que passo a tratar)⁴ questão da ainda putativa vivência homossexual de um Mário de Andrade, por exemplo, tema este transformado em anátema por alguns dos intelectuais que se dedicaram à crítica de sua obra, bem como alguns de seus parentes. Se, por um lado, a correspondência de Mário está classificada como sigilosa na Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, graças ao que a posteridade jamais terá acesso a aspectos de sua vida privada, por outro lado há que recordarmo-nos de apenas dois acontecimentos como respostas de seus companheiros de geração, para situar a cultura brasileira do Modernismo, com evidente prejuízo, frente não às culturas ditas «centrais» como as francesa ou a inglesa, mas mesmo diante de outras, tais como a portuguesa e a mexicana, muito mais próximas a ela em termos civilizacionais.

O primeiro diz respeito a uma anedota algo consabida: a ruptura entre Mário e Oswald de Andrade se dá em função de vários fatores, entre os quais incidem os de ordem temperamental e social, mas o estopim é o fato deste haver tratado aquele derrisoriamente como «Miss São Paulo de costas»; a ofensa impediu que o autor de *Macunaíma* perdoasse a blague de seu companheiro de armas, e apesar das tentativas deste, o «arlequinal» Mário jamais voltou a tratar o «palhaço da burguesia» Oswald⁵. Homofobia de palhaço contra arlequim? Homofobia internalizada deste, à luz sádica daquele? A terminologia contemporânea não deslinda o problema, uma vez que o que se vive hoje é muito diferente. O que cabe ao crítico, o intérprete do Brasil na atualidade, é verificar a *malaise* que o tema da homossexualidade desperta nesses próceres culturais, que poucas vezes são de fato considerados sob este viés, o que em si não deixa, por sua vez, de causar pasmo. A modernização pela que lutaram e por cuja implantação foram em boa medida responsáveis elide o tópico: quando não silencia sobre ele, faz troça. O que será pior?

⁴ Refiro-me ao poema «Réquiem». In Campos, Carmen de P. Arruda (org.) (2009). *Entremilênios*. São Paulo: Perspectiva, 45, que lê: «... aliás paulicéia des-/ -vairada de Mário (sorridente-de-/ -óculos-e-dentes mas homo-/ -recluso em seu ambíguo sexo re-/ -calçado-seqüestrado-Ê-ci-/ -liciante) de Andrade (cantor/ humor dor - das latrinas/ subúrricas do anhan-/ -gabaú)», *passim*.

⁵ Retomo aqui termos cunhados sobre si próprios por Mário e Oswald, o primeiro em um poema, «Inspiração», do livro *Paulicéia Desvairada* (1922) e o segundo, no prólogo à primeira edição do seu romance semi-autobiográfico *Serafim Ponte Grande* (1933).

O segundo acontecimento ao que me refiro, indica que sim, existe algo pior: a concessão aos bons costumes, a auto-censura induzida por um par da mesma geração. Trata-se da supressão de um verso de um poema de Mário, «Girassol da Madrugada», publicado em *Livro Azul* (incluídos em *Poesias*, 1941), mas cuja escritura remonta aos primeiros anos da década de trinta. Em função desse verso hoje desconhecido, Mário é instado por Manuel Bandeira, seu correspondente no Rio de Janeiro – e, recordemo-nos, o decano dos modernistas da primeira geração, cuja autoridade estética e moral nunca foi disputada entre os diferentes sub-grupos destes, sim, valentes renovadores da cultura nacional – a não publicar o que escrevera, devido ao seu provável cariz homossexual. Na passagem em questão de «Girassol da Madrugada», quando Mário arrola os seus «amores eternos», incrusta-se um verso cuja excepcionalidade intriga: «Eclipse, boi que fala, cataclisma». Detenhamo-nos sobre ele.

Mário escreve «Girassol da Madrugada» em 1931. «Eclipse, boi que fala, cataclisma» faz parte da segunda estrofe da quinta das sete partes do poema:

Teu dedo curioso me segue lento no rosto
 Os sulcos, as sombras machucadas por onde a vida passou.
 Que silêncio, prenda minha... que desvio triunfal da verdade,
 Que círculos vagarosos na lagoa em que uma asa gratuita roçou...

Tive quatro amores eternos...
 O primeiro era uma donzela,
 O segundo... eclipse, boi que fala, cataclisma,
 O terceiro era a rica senhora,
 O quarto és tu... e eu afinal me repousei dos meus cuidados. (ibid. 47)

Como podemos observar, o tópico deste poema é amoroso e confessional e desenvolve-se em um tom discursivo provavelmente autobiográfico. Tal verso foi fruto de uma intensa discussão entre Mário e Manuel Bandeira, como podemos conferir na edição da *Correspondência* entre eles (Andrade, Bandeira, 2001). O processo total de estabelecimento do poema onde se incrusta o verso em epígrafe leva quase três anos. A primeira vez em que é citado numa carta, aparece com o título «Silêncio» (ibid.: 500)⁶. Nessa data, esse verso aparece truncado com uma linha pontilhada, apenas enunciando o segundo dos quatro

⁶ Carta nº 277, de 2 de maio de 1931.

«amores eternos» de Mário, ao qual corresponde uma nota de Bandeira que diz: «Aqui havia alguma coisa que foi depois substituída por ‘Eclipse, boi que fala, cataclisma’» (ibid. 503).

A 1ª de fevereiro de 1933 –demorar-se-ia mesmo tanto tempo para estabelecer um verso àquela época (quase dois anos!), ou esse lapso em si já indicia a importância que o seu estabelecimento assume no diálogo Mário/Bandeira?- Mário retoma a questão da seguinte forma: «Já não se dá o mesmo com o já implicante poema ‘Girassol da Madrugada’ em que trato dos meus quatro amores eternos. Tirar esse poema não tiro, pouco me amolando no caso que ele interesse a mais ninguém. Raciocino claro, e caso pensado e julgado, e mesmo sob o ponto de vista poético, acho indispensável» (ibid. 550)⁷.

Carta vai carta vem, quatro meses depois, Bandeira acusa o recebimento de algumas alternativas para substituir o incômodo verso que não conhecemos, e que Mário enviara para o amigo ajuizar, da seguinte forma:

Das variantes que você mandou... Hum! Está difícil escolher. A que substitui melhor o insubstituível verso original é a última:

‘O segundo (amor eterno, lembremo-nos), as prisões não condenarão nada, as ciências não corrigirão nada’

Mas tanto essa como estas duas:

‘O segundo, os homens etc.’

‘O segundo, mas porque etc.’ (a pior sem sombra de dúvida),

são explicações, coisa pouco poética.

Resta:

‘O segundo, eclipse, boi que fala, catacumba’ (notemos: catacumba e não cataclisma, como na versão publicada; parêntese meu)

é bem poesia, mas não dá o sentido a ninguém. Decida entre Verdade e Poesia. Qualquer uma das duas serve, você me deixou como o burro da lógica entre os dois feixes de capim. (ibid.: 562)⁸

Se «Decida entre Verdade e Poesia» parafraseia o título da autobiografia de Goethe («Poesia e Verdade», *Dichtung und Wahrheit*), como que para recordar Mário sobre a responsabilidade de construir o seu perfil para o futuro, «é bem poesia, mas não dá o sentido a ninguém» parece sugerir-lhe a solução estética. De fato, o verso que Mário escreve para substituir o «impublicável» resulta-me o mais notável do poema: por sua qualidade

⁷ Carta 310.

⁸ Carta 320, de 14 de junho de 1933.

estética, cria um registro de tensão para com o andamento antes denotativo, distante de grandes vãos metafóricos, de «Girassol da Madrugada», funcionando, portanto, como um alerta para o leitor atento, que dessa forma o singulariza; outrossim, sob o ponto de vista do significado, como que escrito em clave, traduz um alerta de outra ordem, que não simplesmente estética, ao leitor que de fato o tenha singularizado: «eclipse, boi que fala, cataclisma» não apenas refere-se ao eclipse do sentido, vinculando a variante ao verso original, oculto, mas pode traduzir, de maneira cifrada e até bem-humorada, a ameaça de sanção, hiperbolicamente tratada de cataclismo, a quem – ao «boi»- que *fale*, enfim, que não se detenha diante do interdito, do impúblicável que ofenderia, se o fosse, gosto e moral majoritários. Por sua vez, a palavra «boi», em sua lhaneza, conduz toda essa estruturação metafórica algo culterana ao espaço da cultura brasileira popular -lembremo-nos do fascínio que o tema rural e o símbolo do boi despertavam entre os modernistas, haja visto o quadro «Boi na floresta», pintado por Tarsila do Amaral em 1928 e que se encontra no Museu de Arte Moderna da Bahia –⁹.

Assim, numa tentativa de interpretar esse verso enigmático, teríamos não apenas uma confissão de impotência implícita do poeta diante do *mores* do seu tempo, à luz do que foi dito anteriormente, mas também um seu recado ao leitor «entendido» –uso a palavra, claro está, com a maior intencionalidade, recuperando uma forma de tratamento, popular entre os homossexuais em São Paulo até os anos setenta, de referir-se aos que com eles compartilhavam as suas proclividades sexuais–, como se dissesse: não revelo (antes eclipse) o meu segundo amor eterno, mas indico, pelo contraste entre este verso e os que enquadram, que ele provém de outra área da experiência, do insólito ou do interdito (um boi que falasse... afinal, seria a «revolução dos bichos», *el mundo al revés*), e também indico subliminarmente a aqueles que queiram arrostar essa interdição, os «bois» brasileirinhos, leitores futuros, pois: preparem-se para defrontar-se com nada menos do que um cataclismo, se e quando o fizerem. E aqui estamos nós.

E aqui estamos nós: urbanos, quando não metropolitanos, bois falantes. Quase oito décadas depois de escrito, isto é o que está em jogo, e não a discussão da sexualidade de um dos maiores poetas do país, em retrospecto. Ao contrário do que apontava Manuel Bandeira, o verso que viemos perseguindo, lido ideologicamente como o acabo de fazer, *sim* «dá o sentido», e neste, se transparece a iminência do perigo -vivido como real pelo

⁹ Quero agradecer a Salette de Almeida Cara por ter-me chamado atenção sobre o caráter simbólico dessa palavra no contexto da obra de Mário de Andrade.

poeta, infere-se—, por outro lado também implica, para lá do «silêncio semântico» aparente, e como sucede em toda boa poesia, o convite ao denodo hermenêutico. Falar de hermenêutica é, por todos os lados, tratar da memória e seus multiplicantes sentidos. E tratar da memória da homossexualidade no Brasil como um direito humano de uma parcela considerável de nossa população é aquilo que aproxima a atividade acadêmica da linha de militância em prol da conquista de direitos sociais e políticos da parcela diversamente sexual, isto é, não-heterossexual, da população brasileira.

Em setembro de 2008, na Universidade de São Paulo, nos espaços do Museu de Arte Contemporânea (MAC-USP) e da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, congregaram-se quase quinhentos participantes, vindos do Brasil e de vários países, para a realização do IV Congresso da ABEH – Associação Brasileira de Estudos da Homocultura, da qual então eu era o presidente. O tópico geral do congresso, sugerido por mim, foi «Retratos do Brasil Homossexual». Pensei esse tópico levando em consideração o octogésimo aniversário da publicação de um clássico de nossa ensaística, *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado. Em minha fala de abertura do IV ABEH¹⁰, referi-me à quase total ausência, nesse estudo seminal, de referências à homossexualidade. Apenas cita arcanas fontes como o cronista Gabriel Soares de Souza, que em seu *Tratado descritivo do Brasil em 1587* se escandalizava com o pecado nefando cometido pelos aborígenes, e enumera uma série de confissões ao Santo Ofício, que refere como «pecado sexual», e que convergem, com muitos outros pontos, para corroborar a sua putativa teoria sobre o nosso caráter nacional, a seu ver melancólico e, num sentido derrisório, mestiço. Não por acaso o outro arauto do Modernismo dito «heróico», o já mencionado Oswald de Andrade, identifica nos pontos de vista morais do aristocrata paulistano uma componente «de português de governança e fradaria» (Andrade, 1999: 231).

Oito décadas passadas, nenhum «retrato do Brasil» que hoje se queira fidedigno poderá ignorar a nossa presença. Na sociedade complexa que vivemos, tornamo-nos, por nossos esforços, a bem dizer ineclipsáveis: aos milhões saímos em passeatas, e de parte do Estado brasileiro assistimos a uma série de iniciativas que apontam para uma mudança no tratamento da «questão da diversidade sexual» em nossa *res-publica*. Já não era sem tempo que tal sucedesse: trata-se de um movimento de reconhecimento de direitos da minoria homossexual em todo o Ocidente e a que o Brasil não poderia estar indiferente. Tal mudança,

¹⁰ De próxima aparição no livro *Retratos do Brasil Homossexual* (2010). São Paulo: EDUSP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

que apenas principia, tem como um dos seus objetivos o contrapor-se àquilo que está por detrás da correspondência aqui examinada, atrás de um verso bom, entretanto ocultador: essa tergiversação consentida, ainda que afinal coroada de êxito, ao menos estético, pode ser vista como um epifenômeno da nossa incompleta ou defeituosa modernidade como nação. Se não, como entender que -e para manter-me dentro do discurso da poesia-, na literatura brasileira se dê com muito atraso a assunção formal da palavra homossexual?

Em resumo, o silêncio histórico da palavra homossexual é tão sintomático das nossas precárias condições como sociedade, em termos históricos, quanto o são as nossas persistentes pobreza e corrupção política. Superar esse silêncio e tudo o que ele significa, dimensionar e estudar a nossa presença na história, é nossa meta. Digo mais: é nosso direito. Em poucas palavras, temos o direito de dar o nome aos bois. Temos direito a essa memória: ela nos pertence e em boa medida, nos explica.

Em minha fala do IV ABEH centrei-me sobre o tópico da felicidade. É minha certeza que toda essa movimentação, essa assunção da palavra, que simboliza a nossa tomada de consciência como atores políticos, sociais e culturais, deve tê-la como horizonte, a partir do seguinte postulado: um Estado que exclui de sua promessa de felicidade – não é isso justamente o que fundamenta o pacto social, desde a Revolução Americana e sua «pursuit of happiness»? –, uma minoria que não tem os mesmos direitos e as mesmas garantias mas sim os mesmos deveres que a maioria, entre eles o de pagar impostos, pois, tal Estado é gerador de infelicidade, é um Estado, por discriminador, não apenas infelicitante, mas também infeliz. Para dizê-lo em uma palavra, é um Estado que, ao fazê-lo, trai os seus próprios fundamentos éticos.

Nesse sentido, a nossa entrada como atores na grande arena nacional é um fator de melhoramento geral, já que, ao reclamarmos e conseguirmos os nossos direitos, fazemos com que o Estado que garante os direitos de todos, independentemente de suas proclividades, ideologias ou características específicas, se reconstitua em seu núcleo conceitual precípua. A aceitação plena da homossexualidade como parte das garantias do direito humano, tem, portanto, o caráter de purgação das distorções éticas do estado brasileiro em seus fundamentos ideais e o concomitante caráter de sua recuperação moral. A finalidade desse processo só pode ser o bem coletivo.

Mutatis mutandis, outro não poderia ser o raciocínio se o aplicarmos à questão da memória. Embora não seja apanágio de ninguém e de estar em todas partes, a felicidade coletiva a pressupõe para sê-lo. Para tal, é necessário que os diferentes grupos sociais, particularmente os mais fragilizados ao longo da História, conheçam e detenham a sua memória específica, que a preservem, a respeitem e a ilustrem no bojo da(s) memória(s) coletiva(s).

Nossa promessa de modernidade como nação jamais estará completa se isso não se der. Nesse sentido, e considerando a dificuldade para a organização da memória homossexual brasileira, a finalidade inicial do Programa de Estudos da Diversidade (Homo)Sexual da Universidade de São Paulo, o PEDHS-USP que eu presentemente coordeno e que foi criado em março de 2009, é a de contribuir para a sua organização, sistematização e interpretação, sem desdouro de outros vetores de atuação que venha a desenvolver, numa atividade própria de intervenção do espírito universitário. Muito já foi feito dentro e fora dela para que tal processo se delinee de forma tangível. Há exatos trinta anos, em 1979, deu-se na mesma Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, onde ensino, o primeiro encontro de homossexuais brasileiros; João Silvério Trevisan a ele se refere em seu estudo *Devassos no Paraíso*, leitura a bem dizer *de rigueur* para todos os diversos sexuais «memoriosos» do Brasil — e para todos os que se interessem sobre os avatares da nação brasileira.

No campo de levantamento da memória jacente ou explícita da experiência da sexualidade diversa brasileira, estamos todos frente a um lento aflorar de sentidos, análogo ao do verso marioandradiano acima focalizado. Mário não contou, ao revés de Novo e Botto, com defensores em sua geração, do talante de Gorostiza e Pessoa. A dita alta cultura brasileira esquivou por décadas a questão da homossexualidade e do homoerotismo, ao menos no que tange à poesia, dando uma preciosa lição de (in)solidariedade entre os seus membros para as gerações futuras. É neste tempo de cultura de massas que vivemos, cada vez mais intensamente e há relativamente pouco tempo, não especialmente marcada por registros privilegiados ou «altos», que aflora o registro da palavra homoerótica na poesia brasileira. Pauso sobre este fato.

Nenhum cataclismo à vista, agora que, depois do eclipse histórico a que fomos submetidos, nós os «bois» queremos, e podemos, falar.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Mário de (1922). *Paulicéia Desvairada*. São Paulo: Casa Mayença.
 (1941). *Poesias*. São Paulo: Livraria Martins Editora.
- ANDRADE, Mário, BANDEIRA, Manuel (2001). *Correspondência*. São Paulo: EDUSP.
- ANDRADE, Oswald de (1933). *Serafim Ponte Grande*. Rio de Janeiro: Ariel Editora Ltda.
 (1999). *Retrato do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BOTTO, António (2008). *Canções e outros poemas* (edição, cronologia e introdução de Eduardo Pitta). Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições.
- CAMPOS, Harold de (2009). *Entremilênios*. São Paulo: Perspectiva.

- COSTA, Horácio (2004). «Homoerotismo Intertextual, ou que diálogo é esse? Álvaro de Campos "conversa" com Walt Whitman». In LOPES, Denílson *et al* (org.). *Imagem e Diversidade sexual: Estudos da Homocultura*. São Paulo: Nojosa Editores, 254-262.
- (2010). *Retratos do Brasil Homossexual*. São Paulo: EDUSP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- Gorostiza, José (1996). *Poesía y poética*. México: Fondo de Cultura Económica/ UNESCO.
- (2003). *Morte sem fim e outros poemas*. São Paulo: EDUSP.
- Leal, Raul (1989). *Sodoma Divinizada* (antologia de textos organizada por Aníbal Fernandes). Lisboa: Hiena Editora.
- MAIA, Álvaro (Outubro de 1922). «Literatura de Sodoma: o Sr. Fernando Pessoa e o ideal estético em Portugal». *Contemporânea* 4, 31-35.
- Monsiváis, Carlos (2000). *Salvador Novo: lo marginal en el centro*. México: Editorial Era.
- Novo, Salvador (1998). *La estatua de sal* (com prólogo de Carlos Monsiváis). México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes-CONACULTA.
- PESSOA, Fernando/CAMPOS, Álvaro (Julho de 1922). «António Botto e o Ideal Estético em Portugal». *Contemporânea* 3.
- PESSOA, Fernando/CAMPOS, Álvaro (1993). *Livro de Versos* (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.). Lisboa: Estampa.
- Sheridan, Guillermo (1985). *Los contemporáneos ayer*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Villaurrutia, Xavier (1994). *Nostalgia de la Muerte/Nostalgia da Morte*. Lisboa: Diário de Notícias (Programa Periolibros).
- WHITMAN, Walt (1983). *Leaves of Grass*. New York: Bantam Books.

RESUMO:

Partindo da análise da discussão de um verso enigmático de Mário de Andrade, documentada pela sua correspondência com Manuel Bandeira, propõe-se um conjunto de reflexões em torno do plurívoco «silêncio semântico» mobilizado pela inscrição homoerótica no discurso poético.

ABSTRACT:

By evoking a discussion pertaining to an enigmatic verse by Mário de Andrade, and which the correspondence he kept with Manuel Bandeira documents, we reflect on the multilayered «semantic silence» prompted by the inscription of homoeroticism in poetry.

